

Débora Cury
Eriele Balduino da Silva

DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA

Ubá
2006

Débora Cury
Eriele Balduina da Silva

DIFICULDADES NA LEITURA E ESCRITA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
disciplina: Pesquisa e Prática Pedagógica II, no
Curso de Pedagogia, da Universidade Presidente
Antônio Carlos.

Professora Orientadora: Silvania Maria de Oliveira
Manso

Ubá
2006

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	Justificativa	7
1.2	Objetivos	7
1.3	Metodologia	8
2	DIFICULDADES NA LEITURA E NA ESCRITA	9
2.1	Os processos da capacidade leitora e escrita	13
2.2	Corporeidade	14
2.3	Dificuldades visuais	15
2.4	Outros sinais de dificuldades	16
3	AS PRÁTICAS ESCOLARES	18
3.1	A relação professor-aluno	18
4	AS DIFICULDADES NA LEITURA E NA ESCRITA E AS ALTERNATIVAS PARA SUPERÁ-LAS	21
5	CONCLUSÃO	24
6	REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo mágico para as crianças. A descoberta das letras, das palavras, do som e da escrita é fascinante, e motiva a aprender algo novo a cada dia.

No entanto, para algumas crianças esse processo pode não parecer ser tão prazeroso. Elas apresentam dificuldades na leitura e conseqüentemente na escrita. Embora seu nível de inteligência possa ser normal ou estar acima da média, sua alfabetização demora o dobro de tempo das outras crianças da mesma idade. E ainda, se deparam com o despreparo dos professores e enfrentam o preconceito dos colegas, o que deixa seqüelas psicológicas por toda a vida.

Ao assistirmos as aulas da disciplina dificuldade na leitura e escrita, no 7º período de pedagogia, começamos a nos interessar por esse tema e a perceber a importância desta abordagem para a vida escolar.

Compreendemos que esse tema está sempre presente dentro da sala de aula, pois nossas colegas de classe, que lecionam nas séries iniciais do ensino fundamental, sempre questionam e apontam problemas presentes em seus alunos para serem discutidos durante as aulas. E também observamos nas classes em que realizamos estágios que é grande o número de alunos que apresentam alguma dificuldade no aprendizado.

Algumas dessas crianças podem ser vítimas de um distúrbio que as acompanham desde o nascimento, a dislexia, transtorno de aprendizagem hereditário, que causa um fracasso na aprendizagem da leitura (dislexia), da escrita (disgrafia) e da ortografia (disortografia).

Na alfabetização é possível notar um conjunto de sinais característicos dessas dificuldades. Na convivência com as letras, as crianças demonstram uma não assimilação entre o código escrito e falado.

A escola ainda não responde, eficazmente, ao desafio de trabalhar com as necessidades educacionais das crianças especiais, especialmente às relacionadas com as dificuldades de linguagem como dislexia, disgrafia e disortografia.

A dislexia ocorre quando uma criança não lê bem ou não encontra sentido diante do texto escrito. A disgrafia e a disortografia se manifestam quando há dificuldade no plano da escrita ou no ato de escrever.

Diante dos fatos apresentados, ficamos a imaginar quantas crianças que tem sua auto-estima baixa devido às suas dificuldades para aprender. Muitas dessas crianças que não encontram apoio e atenção na escola acaba abandonando os estudos.

E como os professores poderão identificar em seus alunos o conjunto de sintomas que podem ser uma possível dislexia? Quais os profissionais aptos para fazer o diagnóstico? Mediante o resultado de dislexia, como utilizar uma metodologia específica para este caso? Essas indagações é que nos levaram a escolher e aprofundar o estudo sobre dificuldades na leitura e na escrita.

Temos como objetivo deste estudo ajudar os professores à auxiliar os alunos que apresentam dificuldades na leitura e na escrita, os encaminhado para um grupo de

profissionais que farão o diagnóstico de dislexia ou não, e sugerir metodologias específicas que os professores poderão usar na sala de aula com alunos que apresentam estas dificuldades.

Esperamos que este estudo possa contribuir de alguma forma para que o pessoal envolvido com educação comece a olhar para as crianças que apresentam dificuldades na leitura e na escrita de outra forma, respeitando e ajudando-os nas necessidades especiais que cada uma apresenta.

Pessoas disléxicas têm seu próprio jeito de ser e de aprender, refletindo expressões individuais de uma mente, muitas vezes genial, mas que aprende de maneira diferente.

1.1 Justificativa

Percebemos através dos estágios que realizamos nas escolas de primeira a quarta série do ensino fundamental, que é grande o número de alunos com dificuldades na leitura e na escrita, e a maioria não tem um acompanhamento especial para a melhoria de sua vida escolar.

Ao notarmos a importância desse tema para o meio escolar, decidimos estudá-lo e reunir as informações que auxiliarão os professores a ajudarem os alunos que apresentam essas dificuldades, indicando os sinais que merecem uma atenção especial e sugerindo as metodologias usadas para facilitar o dia-a-dia dos alunos com dificuldades no campo da leitura e da escrita.

1.2 Objetivos

Geral

Compreender o processo de aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita, identificando os sinais de dificuldades de aprendizado, a partir da contribuição da didática enquanto o campo de conhecimento do ensino-aprendizagem da escrita.

Específicos

- ♦ Compreender a capacidade linguística a ser desenvolvida pelo aluno no reconhecimento de palavras, como a consciência fonológica.
- ♦ Identificar as dificuldades e os limites, bem como os facilitadores da leitura e escrita. Análise fonológica da palavra, representação dos fonemas através de uma letra (representação fonológica) e relação da língua escrita e a língua falada.

- ♦ Compreender a relação entre corporeidade, linguagem corporal, e aprendizado da leitura e da escrita (desenvolvimento cognitivo).

1.3 Metodologia

Para desenvolver o estudo acerca das dificuldades da aprendizagem da leitura e da escrita de crianças que freqüentam as fases I e II do ensino fundamental, decidimos adotar a pesquisa qualitativa.

Esta modalidade de pesquisa por privilegiar a subjetividade e compreensão dos fatos no lugar onde eles acontecem, nos permitirão a observar, interpretar e compreender o processo de aquisição e desenvolvimento da leitura e escrita, identificando os sinais de dificuldades de aprendizado, a partir da contribuição da didática enquanto o campo de conhecimento do ensino-aprendizagem da escrita.

Compreender também, a capacidade lingüística a ser desenvolvida pelo aluno no reconhecimento de palavras e a relação entre corporeidade e aprendizado da leitura e da escrita, identificando as dificuldades e os limites, bem como os facilitadores da leitura e escrita.

Para tal utilizaremos como instrumento de pesquisa a observação dos alunos da fase I e II do ensino fundamental da rede pública de ensino da cidade de Visconde do Rio Branco.

2 DIFICULDADES NA LEITURA E NA ESCRITA

Uma em cada dez crianças na sala de aula que apresentam dificuldades na leitura e escrita possui um conjunto de sintomas característicos de dislexia. Mas a maioria dessas crianças não tem um acompanhamento adequado, impossibilitando um diagnóstico preciso.

Dislexia é uma específica dificuldade de aprendizado da linguagem: em leitura, soletração, escrita, em linguagem expressiva ou receptiva, em razão e cálculos matemáticos, como na linguagem corporal e social. Não tem como causa falta de interesse, de motivação, de esforço ou de vontade, como nada tem haver com intensidade visual ou auditiva como causa primária. Dificuldades no aprendizado da leitura, em diferentes graus, é característica evidenciada na maioria dos disléxicos.

Para o neurologista ORTON (1920), *“a dislexia seria o resultado de uma indefinição da dinâmica lateral, decorrente da luta travada pelos dois hemisférios cerebrais para se tornarem dominantes.”*

A teoria mais aceita atualmente pela Associação Brasileira de dislexia - ABD, com base no entrelaçamento de descobertas realizadas por diferentes áreas relacionadas aos campos da educação e da saúde, defende que a dislexia tem base neurológica, e que existe uma incidência expressiva de fator genético em suas causas, transmitido por um gene de uma pequena ramificação do cromossomo #6 que, por ser dominante, torna a dislexia altamente hereditária, o que justifica que se repita nas mesmas famílias.

Acreditam que a dislexia é um defeito na distribuição dos neurônios, quando a criança ainda está no útero materno. Por volta da 25ª semana de gestação, ocorre um reposicionamento dos neurônios. No cérebro dos disléxicos, por alguma razão ainda não conhecida, uma parte dos neurônios toma o caminho errado.

Os pesquisadores da ABD entendem que o disléxico tem mais desenvolvidas áreas específicas de seu hemisfério cerebral lateral-direito do que leitores normais. Condições que, justifica seus “dons” como expressão significativa desse potencial, que está relacionado à sensibilidade, artes, atletismo, mecânica, visualização em três dimensões, criatividade na solução de problemas e habilidades intuitivas. Além disso, a maioria dos disléxicos apresenta imaturidade psicomotora ou conflito em sua dominância e colaboração hemisférica cerebral direita-esquerda.

Defendem, ainda, que a falta de consciência fonológica do disléxico é a determinante mais forte da probabilidade de sua falência no aprendizado da leitura. E, que crianças disléxicas e não-disléxicas não apresentam diferença na fixação visual ao ler; mas que os disléxicos, porém, encontraram dificuldades significativas em seu mecanismo de transição no correr dos olhos, em seu ato de mudança de foco de uma sílaba à seguinte, fazendo com que a palavra passasse a ser percebida, visualmente, como de estivesse borrada, com traçado

carregado e sobreposto. Sensação que dificultava a discriminação visual das letras que formam a palavra escrita.

ORTON (1920), afirma que a falta de consenso no entendimento do que é dislexia começou a partir da decodificação do termo criado para nomear essas específicas dificuldades de aprendizado, que foi eleito o significado latino dys, como dificuldade e lexia, como palavra. Mas que é na decodificação do sentido da derivação grega de dislexia, que está a significação própria do termo: dys, significando imperfeito como disfunção, isto é, uma função anormal ou prejudicada, e lexia que, do grego, dá significação mais ampla ao termo palavra, isto é, como linguagem em seu sentido abrangente.

As crianças disléxicas apresentam também, associados, outros distúrbios. Segundo MYKLEBUST (1960), os sintomas mais representativos são referentes a compreensão de linguagem, à orientação espacial e temporal, à discriminação perceptiva visual e auditiva, ao esquema corporal, a dominância lateral, à incorporação motora, ao conhecimento de direita-esquerda e a atenção, podendo variar o grau de gravidade.

A ABD também considera que a dislexia raramente é encontrada de forma isolada, mas sim, associadas a outros distúrbios. Esses distúrbios são:

- Disgrafia – inabilidade ou atraso no desenvolvimento da linguagem escrita, especialmente da escrita cursiva. É caracterizada por problemas com a linguagem escrita, que dificulta a comunicação de idéias e de conhecimentos através desse específico canal de comunicação.
- Discalculia – dificuldades com a linguagem matemática, que podem ocorrer por falta de habilidades para determinação de razão matemática ou pela dificuldade em elaboração de cálculo matemático.
- Deficiência de atenção – dificuldade de concentrar e de manter concentrada a atenção em um objetivo central, para discriminar, compreender e assimilar o foco central de um estímulo.
- Hiperatividade – atividade psicomotora excessiva, com padrões diferenciais de sintomas, como falar sem parar e nunca esperar por nada.
- Hipoatividade – caracteriza por um nível baixo de atividade psicomotora, com reação lenta a qualquer estímulo.

Pela falta do diagnóstico e acompanhamento adequado, essas crianças são vítimas da evasão escolar, mau comportamento dentro e fora da sala de aula, citadas como preguiçosas e pouco inteligentes. E o mais grave é o lamentável fenômeno de suicídio de crianças nos Estados Unidos, que traz o gravíssimo registro de crianças que se suicidam todos os dias. É que dificuldades na escola e decepção que eles não gostariam de dar a seus pais estão citados entre as causas determinantes dessa tragédia.

Mas estudos americanos mostram que a grande parte dos jovens delinquentes que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizado tem seu nível de agressividade diminuído quando aprende a ler.

A dislexia por permanecer envolta no desconhecimento, na desinformação ou na informação imprecisa, não é considerada como desencadeante de insucesso no aprendizado.

Para o lingüista DUBOIS, et al. (1993, p. 197), *“a dislexia é um defeito de aprendizagem da leitura caracterizado por dificuldades nas correspondências entre símbolos gráficos, às vezes mal reconhecidos, e fonemas, muitas vezes, mal identificados.”*

Os sinais de que um aluno pode apresentar dislexia são notados durante todos os períodos escolares, como os enumerados pela ABD:

a) Pré-escola: nesta fase ainda não é possível fazer o diagnóstico, mas esses sinais, se apresentados, merecem uma atenção especial para um futuro diagnóstico:

- dispersão;
- fraco desenvolvimento da atenção;
- atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem;
- dificuldade da fala e da linguagem;
- fraco desenvolvimento da coordenação motora;
- dificuldade com quebra cabeça;
- falta de interesse por livros impressos;
- imaturidade no trato com outras crianças;
- atraso no desenvolvimento visual;
- dificuldades em aprender rimas e canções;

b) A partir dos sete anos de idade: se a criança a partir da 1ª série do ensino fundamental continuar apresentando os sinais mencionados acima e/ou um conjunto dos relacionados abaixo, é necessário avaliá-lo através de uma equipe multiprofissional, nas áreas psicológica, neuropsicológica, fonoaudiológica, e psicopedagógica que após uma análise profunda encaminhará a criança para um especialista em neurologia pediátrica, o qual dará o diagnóstico preciso. Sinais que merecem atenção:

- Extremamente lento ao fazer seus deveres;
- Deveres feitos rapidamente e com muitos erros;
- Cópia com letra bonita, mas pobre compreensão do texto ou não lê o que escreve;
- Leitura com fluência inadequada para a idade;
- Invenção, acréscimo ou omissão de palavras ao ler e ao escrever;
- Leitura é somente silenciosa;
- Só entende o que lê quando é em voz alta para poder ouvir o som da palavra;
- Letras mal grafadas e até ilegíveis (borrões ou palavras ligadas entre si);
- Omissão, acréscimo, troca ou inversão da ordem e direção de letras e sílabas;
- Esquecer do que aprendeu muito em poucas horas, dias ou semanas;

- Facilidade de transmitir o que sabe só através de exames orais, ou somente através de escrita;
- Desliga-se facilmente, entrando “no mundo da lua”, não conseguindo concentrar a atenção em um só estímulo;
- Baixa auto-imagem e auto-estima, não gostando de ir à escola;
- Esquiva-se de ler, especialmente em voz alta;
- Perde facilmente no espaço e no tempo; sempre perde e esquece seus pertences;
- Mudanças bruscas de humor;
- É impulsivo e interrompe os demais para falar;
- Não consegue falar se outra pessoa estiver falando ao mesmo tempo em que ela fala;
- É muito tímido ou desligado; sob pressão, pode falar o oposto do que desejaria;
- Tem dificuldades visuais, embora um exame não revele problemas com os olhos;
- Confunde direita-esquerda, em cima-em baixo, na frente-atrás;
- Apresenta lateralidade cruzada; muitos são canhestros e outros ambidestros;
- Dificuldades para ler horas, para seqüências como dia, mês e estação do ano;
- Dificuldades em aritmética básica e/ou em matemática mais avançada;
- Depende do uso dos dedos para contar, de truques e objetos para calcular;
- Sabe contar, mas tem dificuldades em contar objetos e lidar com dinheiro;
- É capaz de cálculos aritméticos, mas não resolve problemas matemáticos ou algébricos;
- Tem excelente memória de longo prazo, lembrando experiência, filmes, lugares e faces;
- Boa memória longa;
- Pode ter pobre memória visual, mas excelente memória e acuidade auditivas;
- Pensa através de imagem e sentimentos, não com o som de palavras;
- É extremamente desordenado, seus cadernos e livros são borrados e amassados;
- Pode estar sempre brincando, tentando ser aceito nem que seja como “palhaço”;
- Frustra-se facilmente com a escola, com a leitura, com a matemática e com a escrita;
- Muito sensível e emocional, busca sempre a perfeição que lhe é difícil atingir;
- Dificuldades para andar de bicicleta, para abotoar, para amarrar o cordão dos sapatos; manter o equilíbrio nos exercícios físicos são extremamente difíceis;

- Distração e confusão em ocorrência de muito barulho;
- Escrita extremamente lenta, laboriosa e ilegível, sem domínio do espaço na página;
- Dificuldades em soletrar e em leitura.

Se esses sinais só aparecerem quando a criança for pequena, ou se alguns desses somente se manifestarem algumas vezes, isto não significará que possam estar associados a dislexia. Há criança que só conquistam uma maturação neurológica mais lentamente e que, por isso, somente têm um quadro mais satisfatório em seu desenvolvimento mais tardiamente do que a média de crianças de sua idade.

Existem muitas crianças disléxicas não diagnosticadas, embora a maioria apresente um conjunto de sinais com algum grau significativo de dificuldades. Mesmo as que apresentam graus leves e que requerem uma atenção especial, não são sequer considerados e avaliados.

A dislexia, se tratada adequadamente, não é um indicativo de futuras dificuldades acadêmicas.

Mas para isso é necessário que essa criança seja diagnosticada o mais cedo possível. E mediante o diagnóstico de dislexia, encontrar na instituição escolar um corpo docente capaz de ajudá-la a superar suas dificuldades.

2.1 Os processos da capacidade leitora e escrita

A leitura é um dos processos que compreende duas operações fundamentais: a decodificação e a compreensão.

A decodificação é a capacidade dos escritores ou leitores de identificar um signo gráfico por um nome ou por um som. E compreensão é a competência de reconhecer as letras ou signos gráficos na leitura oral ou transcrição de um texto.

Esses processos são particularmente importantes nas primeiras etapas da aprendizagem da leitura e devem ser bem assimilados no primeiro ciclo do ensino fundamental.

Para o leitor reconhecer e saber o significado das palavras é necessário alcançar a consciência fonológica.

A consciência fonológica consiste em discriminar os sons correspondentes a cada uma das letras ou grafemas que compõem a palavra. Ela permite reconhecer as letras das palavras e sua transformação em som.

Para BRADLEY & BRYANT (1983), quando o aluno não assimila corretamente esse processo passa a considerar que um som só poderá ser representado por uma única letra, e utiliza sempre as mesmas consoantes em palavras com o mesmo som, como por exemplo a palavra passeio e cabeça será escrita com apenas um “s” (paseio, cabesa). E para reverter esse processo é necessário um trabalho escolar de descoberta dos mecanismos da escrita.

A escola é a instituição responsável para formar a consciência fonológica dos seus alunos, e para isso é necessário ensinar bem as vogais e as consoantes da língua materna. Isso fará com que a criança, ao escrever palavras com letras simétricas pense e repense sobre o processo da escrita alfabética.

Uma escola que ensina, por exemplo, apenas cinco vogais, está dando as bases precárias para a leitura eficiente, pois as vogais se dividem em sete vogais orais e cinco nasais. Vogais são os sons da fala, fonemas, isto é, unidades distintivas da palavra. As letras, que representam as vogais ou sons da fala, têm uma estreita relação com a escrita.

Mas a escrita não é espelho da fala. Não se escreve como se fala. Não há uma correspondência entre fonemas ou sons da fala com a escrita.

Em decorrência disso, algumas crianças apresentam dificuldades na leitura e escrita. As mais freqüentes são a troca dos fonemas simétricos: t/d, f/v, b/p, e é importante os professores fiquem atentos quanto à articulação desses fonemas.

Algumas crianças também apresentam dificuldades na leitura e escrita em decorrência do desenvolvimento tardio da fala. Para o fonoaudiólogo ZORZI (2006), essas crianças, muitas vezes, produzem os fonemas de maneira imperfeita, apresentam dificuldades na apreensão e na aplicação do vocabulário, na habilidade de forma ou de dar conta de situações em que há muitas informações a ser decodificada.

Ele também considera que ler e escrever são habilidades ligadas, mas os processos são diferentes. “Quando se lê, é preciso transformar um conjunto de letras numa palavra e buscar o significado dela no nosso vocabulário interno. O trabalho de fazer a codificação foi de quem escreveu. O nosso é de desfazer. Quando se escreve é o contrário: parte-se do significado, encontra-se a palavra que o simboliza, pensa-se na estrutura sonora e aí se faz a correspondência com as letras.” ZORZI (2006, P.26)

Por essas diferenças é que várias crianças têm facilidades ou de ler ou de escrever, mas apresentam grande dificuldade em processar as duas habilidades juntas.

A desconfiança docente ou dos pais servirá como boa hipótese significativa para uma aprendizagem compensatória no quadro da deficiência lingüística.

Ensinar bem é ensinar com simplicidade e objetividade, com explicação e descrição clara dos fenômenos da linguagem.

2.2 Corporeidade

Um erro na caligrafia pode ser também motivado por questão de lateralidade nos traços das letras.

Para uma criança é difícil diferenciar as letras ‘b’, ‘d’, ‘p’ e ‘q’. Quando a perninha desce é um ‘p’, mas quando sobe é um ‘b’. E se colocada no final, no lado esquerdo da “barriguinha”, muda tudo, virando um ‘d’ ou um ‘q’. Subir e descer, direita e esquerda – Espaço

lateralidade. Grande complexidade lingüística para as crianças na educação infantil e no ensino fundamental.

Mas para ORTON (1920), há uma base neurológica para essa dificuldade. O cérebro é simétrico e consiste de dois hemisférios – o direito e o esquerdo, que são imagem em espelho um do outro. E essa organização simétrica explica por que as crianças normalmente encontram dificuldade em discriminar figuras simétricas. Para ele os hemisférios direito e esquerdo precisam tornar-se diferenciado, antes que a criança possa discriminar, facilmente, formas que são imagens em espelho uma para outra. Essa diferenciação constitui parte do desenvolvimento neurológico normal, mas nas crianças disléxicas, esse desenvolvimento viria muito tarde ou poderia mesmo não acontecer.

Uma letra (ou grafema) parecida com outro signo gráfico, mas com traçado diferente, pode apresentar, na leitura, um som diferente, conseqüentemente, trará significado diferente na produção da fala, da frase e do texto. Mas uma criança pode não armazenar as informações lingüísticas de forma eficiente.

Quando não se aprende a grafar bem pode ser uma deficiência de percepção espacial, de lateralidade. Pode ser pois, uma deficiência cognitiva.

Escrever com máquina datilográfica ou com computador pode ser muito mais fácil para o dislético. Na escrita manual, as letras podem ser mal grafadas, borradas ou incompletas, com tendência à escrita em letra de forma. Embora não seja possível a leitura de sua escrita cursiva por outras pessoas, eles mesmos são capazes de ler o que escrevem. Sua dificuldade também se revela na falta de domínio do traçado da letra, subindo e descendo a linha demarcada para a escrita. Os erros ortográficos, inversões de letras, sílabas e números e a falta ou troca de letras e números ficam caracterizados com muita freqüência.

Disléxicos também apresentam, em diferentes graus, sensação de insegurança e desequilíbrio com relação à gravidade, desde a infância. Apresentam também atrasos no desenvolvimento da marcha, dificuldades em subir e descer escadas, andar sobre bases em desnível ou em balanço, andar de bicicleta, uso de tesouras, amarrar os cordões dos sapatos, jogar ou apanhar bolas, dificuldades na construção com blocos, encaixes de quebra-cabeças, desenhar e leitura das horas.

As tarefas que envolvem coordenação de movimentos com direcionamento visual podem ser extremamente complicadas. Dos simples movimentos para seguir uma linha e os movimentos que envolve o traçado da letra e do número, podem transformar-se em trabalho especialmente laborioso. Razão porque se torna difícil para o dislético aprender a escrever pela observação da seqüência de movimentos ensinados pelo professor.

2.3 Dificuldades visuais

Algumas crianças que apresentam dificuldade na leitura apresentam também uma dificuldade visual.

Durante a leitura fixamos os olhos nos símbolos impressos, isto é, nas palavras e nos seus grafemas. Essa operação visual acontece da seguinte forma: os olhos se movimentam da esquerda para direita mediante uns saltos rápidos denominados “movimentos oculares sacádicos”. No percurso da leitura, vamos alternando fixações e movimentos sacádicos e somente podemos ler e compreender o que lemos nos períodos em que fixamos, em cerca de um quarto de segundo (com a faixa média sendo de 150-500ms) nos olhos no texto. (ELLIS, 1995, p.17).

Em decorrência disso, as crianças disléxicas apresentam dificuldades na leitura de palavras inventadas ou pouco familiares, especialmente as mais longas.

Para os disléxicos é complicado monitorar a posição da mão que escreve com a coordenação do direcionamento espacial necessário à grafia da letra ou do número, integrados nos movimentos de fixação e alternância da visão. Por isto, forçam pesadamente o lápis, no seu foco visual, procurando controlar o que a mão está traçando durante a escrita. Também podem inclinar a cabeça para tentar ajustar distorções de imagem em seu campo de fixação ocular.

2.4 Outros sinais de dificuldades

Como citado anteriormente, os disléxicos também apresentam discalculia, deficiências de atenção, hiperatividade e hipoatividade.

Sua dificuldade com a matemática, discalculia, é a relação com a discriminação da seqüência e da ordem precisas de fatos matemáticos e com a lembrança correta de adequação de procedimentos matemáticos. O emocional também dificulta ou bloqueia o pensamento matemático, não possibilitando concentração precisa no foco da lógica matemática, determinante para elaboração de razão matemática .

Alguns disléxicos até assimilam os conteúdos de matemática mais rápido que as crianças não disléxicas. Eles conseguem resolver complexos problemas matemáticos mentalmente, mesmo que não sejam capazes de decompor esse cálculo em suas etapas respectivas. Mas por causa desse processo diferenciado, eles experimentam grandes dificuldades em cálculos aritméticos básicos. Também apresentam dificuldades em direcionamento, rota de memorização e seqüência, o que impede que seus dons matemáticos possam ser evidenciados.

Pela dificuldade em concentrar a atenção, os disléxicos se tornam confusos e inconsistentes, com uma oscilação no nível da capacidade de concentração. Em decorrência disso, há dias em que eles respondem melhor a expectativa escolar em relação ao ensino-aprendizagem, e outros dias em que se apresentam dispersos, parecidos ter esquecido tudo o que havia aprendido. O que justifica suas notas excelentes em um trabalho, de um determinado conteúdo, e ao mesmo tempo, ruim em outra atividade sobre o mesmo conteúdo.

Em decorrência de não serem capazes de focar e manter sua atenção seletiva para uma concentração e resposta satisfatória, esses alunos são acusados de serem desatentos, não levarem seus estudos a sério, não estarem determinados a aprender, serem negligentes e indiferentes ao objetivo escolar. Mas, na verdade, segundo a ABD, esses alunos não estão conseguindo atingir um nível mínimo necessário de concentração da atenção, para que possam, mentalmente, construir e entrelaçar as seqüências relacionais em seu mecanismo psicopedagógico pessoas ensino-aprendizado.

Essas crianças são classificadas como tendo distúrbios emocionais, e seus pais podem culpá-los por isto, quando, na verdade, cada uma delas é vítima inocente de uma deficiência escondida, que interfere no caminho em que o cérebro dessa criança organiza sua habilidade de concentração.

O DDA - distúrbio de deficiência de atenção pode ocorrer sem nenhum desequilíbrio psicomotor como, também, pode acontecer acompanhado de hiperatividade em algum de seus diferentes graus, que podem oscilar entre o quase imperceptível ao irritante e, deste, podendo atingir níveis até incapacitantes.

A dificuldade de foco de atenção leva a criança a passar de um estímulo a outro, não conseguindo centrar a atenção em uma única atividade, dando uma falsa impressão de que é desligada. Mas é por estar ligada em tudo, ao mesmo tempo, que não consegue concentrar-se em um único estímulo, ignorando outros. Essas crianças são hiperativas e estão sempre agitadas, não conseguindo permanecer sentada, imóvel.

Há duas características diferenciais em hiperatividade: a primeira é caracterizada pelo comportamento impulsivo, falar sem pensar e nunca esperar por nada, agir antes de pensar e nunca medindo as conseqüências das atitudes. A segundo, pela dificuldade de foco de atenção, distração com um mínimo estímulo que alcance a visão, a audição ou o olfato, e não conseguir fixar sua atenção em uma atividade principal e ignorar as outras.

Outros disléxicos, ao contrario, nunca estão ligados em nada, tem memória pobre e comportamento vago, pouca interação social, quase não se envolvem com seus colegas e costumam não ter amigos. Eles possuem hipoatividade, que se caracteriza pelo baixo nível de atividades motoras e pela reação lenta a qualquer estímulo. Apesar de seus bons comportamentos na escola, essas crianças necessitam de ajuda para serem mais ativos em suas atividades, mais interativos com as pessoas e expor suas vontades.

3 AS PRÁTICAS ESCOLARES

Para verificar as teorias apresentadas na prática, optamos pela observação das crianças das 1º e 2º séries do ensino fundamental da rede pública da cidade de Visconde do Rio Branco. As observações foram realizadas em dez salas, sendo quatro da 1º série e seis da 2º série, totalizando 247 alunos.

Constatamos primeiramente que essas crianças são na sua maioria de nível econômico baixo e que apresentam ter um baixo relacionamento familiar e emocional. Mas não analisaremos essas condições como sendo as causas de suas dificuldades para leitura e escrita.

Mas essa comparação foi realizada por SOARES (1985), que chegou a conclusão de que as desvantagens das crianças das camadas populares estão claramente ligadas as diferenças nos níveis de conhecimento, pois as crianças das camadas dominantes “convivem com falantes de um dialeto oral mais próximo da língua escrita (a chamada “norma padrão culta”) e têm mais oportunidade de contato com material escrito através de leituras que lhes são feitas por adultos, por exemplo”.

Também as oportunidades de exposição das crianças das camadas populares à leitura são mais reduzidas em consequência de viverem em ambientes em que a leitura e a escrita não constituem instrumento importante, nem para o trabalho nem para diversão, enquanto as crianças das camadas dominantes vivem em ambiente de alta valorização da leitura e escrita.

E como esses fatores influenciam na alfabetização, a escola tem o papel fundamental para a superação dessa deficiência dos alunos de classe econômica baixa, como promover atividades que atribuem para o bom desenvolvimento da leitura e da escrita, tornando-a mais significativa e com menos ocorrência de dificuldades.

Algumas dessas atividades que auxiliam na superação das dificuldades que os alunos apresentam tanto na leitura como na escrita foram utilizadas por algumas professoras das salas em que realizamos as observações. E para relatar o que observamos em dois meses de convivência com professoras e alunos, vamos apresentar o modo como eles interagem dentro das salas de aula, a prática apresentada pelas professoras e as principais dificuldades encontradas nos alunos .

3.1 A relação professor-aluno

Durante as atividades apresentadas pelas professoras e resolvidas pelos alunos, ficou evidente que o modo como a professora realiza suas aulas, sua didática e suas interações com os alunos faz toda diferença no modo como eles assimilam o conteúdo.

Nas salas onde as professoras são dinâmicas e tem um bom relacionamento com os alunos, são poucas as dificuldades de leitura e escrita encontradas. Essas professoras

estão sempre presentes durante as realizações das atividades, sempre indo até a carteira dos alunos e ajudando-os a superar suas dificuldades. Os alunos dessa classe sentam sempre agrupados, o que proporciona uma excelente convivência e uma troca de experiências entre eles. O resultado dessa interação são alunos bastante ativos e participativos de todos dos eventos da sala de aula e também dos que acontecem na escola.

Enquanto nas classes com maior número de alunos com dificuldades não há uma boa interação no relacionamento professor–aluno. As professoras dessas classes apresentavam os conteúdos e as atividades de maneira mecânica, não dando oportunidade aos alunos de participarem ativamente do processo ensino-aprendizagem. As carteiras são sempre organizadas em filas e mantendo uma distância entre elas para não haver conversas durante a aula. Nessas salas as professoras são as donas do saber, e acreditam que os alunos só aprendem se ficarem calados e ouvindo o que ela fala.

Essas observações foram feitas em duas classes, com duas professoras. E uma nos relatou que por ter vários anos de docência e pela insatisfação com a profissão, aposentará no final deste ano e deixará a profissão. No entanto, a outra que ainda continuará lecionando, está animada em dar continuidade em seus estudos, pois só tem o curso de magistério, e pretende cursar o normal superior.

Através dessas observações, ficou claro para nós que o professor é um elemento fundamental para que a aprendizagem aconteça de maneira satisfatória e que as dificuldades apresentadas pelos alunos sejam superadas com êxito.

O educador, segundo a atual concepção, deve saber tratar tecnicamente os mecanismos pelos quais um indivíduo (educando, no caso) possa adquirir determinados tipos de conduta com maior facilidade e, por isso, mais rapidamente. A didática passou a ser uma hipertrofia dos modos de fazer, da discussão do “como” se chega a um determinado fim. (LUCKESI, 1995, p. 27)

Nas salas do primeiro ano do ensino fundamental verificamos que o método utilizado para alfabetizar é muito importante para a vida escolar futura dos educandos. Nas salas com uma média de vinte e cinco alunos, observamos que os alunos que apresentam mais dificuldades nas atividades de escrita e leitura obtiveram uma base precária no campo da escrita, leitura e compreensão de textos. Alguns alunos até conseguem ler ou copiar um texto, mas não conseguem contar com suas próprias palavras a mensagem transmitida. Outros alunos, além de não compreenderem o escrito, apresentam grandes dificuldades na leitura e escrita.

Mas a maioria dessas dificuldades são ocasionadas pela precária assistência que essas crianças tiveram durante o período de alfabetização, pois não encontraram apoio adequado do sistema educacional para superá-las.

Para TEBEROSKY (1970), o professor deve acreditar que o aluno tem capacidade de aprender através de sua evolução, pois processam rápido as informações e estão sempre abertos a novidades. O educador também tem que considerar que não pode ensinar primeiro o código da língua para depois a compreensão de textos, ambos tem que acontecerem juntos.

Ela também sugere que para a aprendizagem acontecer de maneira satisfatória as professoras devem desenvolver atividades que dão mais oportunidade aos alunos de conviverem juntos e compartilharem nas atividades. Como exemplos são citados: organizar os alunos em grupos e ir alternando esses grupos a cada momento, e após a leitura de um texto pedir aos alunos para comentar a história e trabalhar vários livros com diferentes tipos de textos.

4 AS DIFICULDADES NA LEITURA E NA ESCRITA E AS ALTERNATIVAS PARA SUPERÁ-LAS

Foram várias dificuldades na leitura e escrita apresentadas pelos alunos durante as realizações das atividades, mas nenhum deles tinham o diagnóstico de dislexia ou de outras patologias que influenciassem no seu desenvolvimento escolar.

As professoras também não consideravam as manifestações de dificuldades de seus alunos como sendo um indicativo de um distúrbio que merecia uma atenção especial e um acompanhamento adequado para o bom desenvolvimento escolar.

No desenvolvimento das atividades observamos que os alunos apresentavam vários graus de dificuldades. Alguns conseguiam contorná-las facilmente, enquanto outros não conseguiam nem detectar o que estava errado.

Em uma atividade na sala da 1ª série a professora pediu aos alunos que copiassem o texto que ela estava escrevendo no quadro. Após a cópia e a leitura feita pela professora, ela pediu aos alunos que lessem o que acabara de escrever em seus cadernos. Alguns, ao depararem com palavras estranhas, olhavam para o quadro para confirmar se a palavra estava escrita corretamente em seus cadernos, e caso não estivessem, procuravam consertá-las. Outros, mesmo tendo copiado palavras erradas, não se importaram em corrigi-las. A professora então pegou o caderno para verificar se todos copiaram corretamente. Ao se deparar com algum erro, chamava a criança que o cometeu e a pedia para ler novamente o texto e mostrasse se havia algo diferente em relação ao do quadro. A maioria não conseguiu identificar os erros simples que cometera como a omissão ou acréscimo de uma letra. E três crianças, numa sala com 24 alunos, não conseguiram nem ler seus textos da maneira correta para ter condições de identificarem os erros, liam as sílabas separadamente não se importando com as palavras formadas.

Também nas outras salas da 1ª série observamos que é grande o número de alunos com dificuldades para ler. Embora todos tenham passado pela fase de alfabetização, alguns não conseguiram assimilar corretamente o processo.

As atividades que envolvem leitura em voz alta por todos os alunos da classe é sempre dramática para alguns alunos. Pelo medo de passar por vexame e ser motivo de “chacota” pelos colegas, muitos se recusam, sob qualquer apelo, de ler uma única frase.

Os alunos, tanto os da 1ª como os da 2ª séries, demonstram na leitura uma confusão de grafemas cuja correspondência fonética é próxima ou cuja forma é aproximada. Também há a existência de inversões, omissões, adições e subtrações de letras e sílabas; dificuldades nas pausas e no ritmo e muitas dificuldades em compreender o que ler.

Em todas as salas da 1ª e da 2ª séries que observamos as atividades de leitura dos alunos, notamos que as professoras estão sempre desenvolvendo atividades diversas que auxiliam os alunos no desenvolvimento da leitura e sua compreensão. A introdução de jogos em que é necessária a leitura e compreensão para seu desenvolvimento é a que se mostrou

mais eficiente. Além disso, os jogos propiciaram também a interação dos alunos, o companheirismo dos grupos e a vencer os desafios. No teatro as professoras também tiveram sucesso. Até os mais tímidos e os que se recusavam ler em voz alta quiseram representar um personagem da trama e ler suas falas para todos os que estavam assistindo a encenação.

Atividades que despertavam a curiosidade também foram bem sucedidas. Numa delas, a professora colocava sobre a carteira de cada aluno mensagens carinhosas de incentivos, e uma delas estava escrito que quem a lessem em voz alta ganharia uma surpresa, como balas ou pirulito. E essas mensagens eram propositadamente colocadas, na maioria das vezes, sobre a carteira dos que tinham mais dificuldades.

Os alunos também encontram grandes dificuldades na escrita. Além dos erros cometidos durante a cópia do que está escrito no quadro e no livro, a maioria não consegue se expressar através da escrita.

As atividades de formar frases com determinadas palavras são sempre pequenas e repetitivas. Os substantivos recebem sempre os mesmos adjetivos: “O gato é bonito”, “A árvore é bonita”, “A casa é grande”, “O Brasil é grande”.

Mesmo a professora tendo trabalhado um determinado assunto em que a turma demonstrou interesse e participação, não é possível verificar, somente através da escrita, a assimilação do conteúdo.

Na produção de texto é grande a dificuldade da maioria dos alunos de todas as salas observadas. Seus textos são pequenos, com vários erros ortográficos, letras mal grafadas e confusas, não seguindo uma seqüência lógica no desenvolvimento do assunto. A introdução não tem nada a ver com o tema, nem com o desenvolvimento da história. E nem todos os textos apresentam um final, mesmo que os alunos escrevem a palavra fim após não terem mais nada a escrever.

Os conteúdos da produção de texto são quase sempre iguais, pois os alunos escrevem apenas o que a professora falou sobre um determinado tema, não mostrando criatividade. Mas quando a professora sugere que o tema para a produção do texto será livre, podendo o aluno escrever sobre o que mais interessa ou sobre um fato que ocorreu consigo mesmo, o resultado é ainda pior. Alguns não se interessam por nenhum assunto. E os que escrevem sobre algo que vivenciaram, não conseguem transmiti-lo com clareza para o papel, e o escreve como se a pessoa que fosse ler já conhecesse o ocorrido. A falta de descrição também é notada nos textos inventados.

Os textos produzidos pelos alunos só são completos, apresentando introdução, desenvolvimento e fim, quando a professora distribui historinhas em quadrinhos para eles escreverem o que acontece em cada cena, em todos os quadrinhos. E durante a escrita, a professora vai chamando a atenção para os detalhes da cena, perguntando-os como começou a história, quem são os personagens, onde eles estão, o que podem estar falando e como termina a história. Dessa forma os alunos exploram ao máximo os quadrinhos e cada um inventa uma situação diferente para as cenas. Assistir filmes, desenhos e ler diversos livros também auxiliam os alunos de outras salas à desenvolverem um bom texto.

Outra grande dificuldade dos alunos é manter a atenção durante a explicação da professora e o desenvolvimento das atividades propostas. Isso ocorre principalmente entre os que não conseguem ler e escrever adequadamente. Por ser precária a leitura e a escrita, esses alunos não encontram sentido no exposto pela professora, e assim, se dispersam facilmente. Qualquer outro acontecimento é mais interessante e prazeroso.

A matemática com seus problemas escritos torna ainda mais problemática a situação dos alunos que não são capazes de ler e interpretar o que está escrito. Ao resolver problemas matemáticos, os alunos apresentam grandes dificuldades em saber qual operação usar para obter a resposta. Eles não possuem a habilidade de interpretar o fato e de diferenciar soma, subtração, multiplicação e divisão.

Para ajudar os alunos que apresentam dificuldades em salas de aula, as professoras nos relataram que utilizam várias alternativas, como diversos recursos para auxiliar na apresentação do conteúdo (quadro-negro, retroprojeto, maquete, vídeos, jogos, etc.); dramatização, entrevista e pesquisa de campo; maior tempo para desenvolver as atividades; leitura em voz alta das atividades propostas; questionamento escrito e oral; carteiras dispostas em grupo de quatro alunos para que eles auxiliem o colega com dificuldades; leitura de diversos livros e textos pequenos; colocar os alunos com mais dificuldades nas primeiras carteiras e dar uma atenção especial a eles.

A ABD também propõe atividades para os professores utilizarem em salas de aula para auxiliar os alunos com dislexia, que também pode ser aplicadas com alunos que apresentam dificuldades na leitura e escrita. As atividades sugeridas são: mostrar ilustrações do movimento dos lábios para que os alunos “leiam” o fonema correto que está sendo pronunciado pelo interlocutor; aplicar mais exercícios convencionais para que os alunos possam distinguir as letras parecidas (p, b, d, q), associando-as às suas representações gráficas; ensinar a maneira adequada de segurar o lápis e dos movimentos corretos para treinar a caligrafia.

5 CONCLUSÃO

Percebemos que muitas das dificuldades, na leitura e na escrita, apresentadas pelos alunos poderiam ser superadas se a escola, juntamente com família, fizer um acompanhamento adequado dos sinais apresentados por ele durante as atividades escolares e no convívio com a família e amigos. E se necessário, levando-o à profissionais que farão um diagnóstico preciso e um tratamento específico para cada criança.

A maioria dos alunos que tem dificuldades escolares, principalmente as relacionadas com a leitura e escrita, se sente desmotivados à estudar. E esse fato contribui para o aumento da evasão escolar e para o baixo nível de escolaridade dos jovem. E as escolas pouco fazem para motivar esses alunos à continuar seus estudos de maneira eficiente e prazerosa.

As escolas públicas se mostram carente de materiais didáticos e de recursos pedagógicos para ajudar as professoras à auxiliarem os alunos na assimilação dos conteúdos. Não havendo também cursos específicos para aperfeiçoamento do corpo docente, principalmente para que eles possam ajudar os alunos que apresentam dificuldades na leitura e na escrita de maneira específica.

Apesar de todas essas dificuldades, as professoras tem se esforçado, mostrando-se criativas, buscando vários meios para que seus alunos superem as dificuldades apresentadas na leitura e na escrita.

Através desse estudo e das observações das práticas escolares, concluímos que é necessário que a escola e a família dêem uma atenção especial para as crianças, especialmente às que tem um resultado não muito satisfatório nas suas atividades escolares, dando oportunidade a elas de aprender prazerosamente o que lhe é ensinado.

6 REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA – ABD. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em 28 abr. 2006.
- BERGAMO, Giuliana. Para quem troca letras. **Veja**, São Paulo, n.16, p.76, abr. 2006.
- BRADLEY, L.& BRYANT, P. Categorizando sons e saber para decifrar: uma causal ligação. **Nature**, n.3, p. 419-421, 1983.
- DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- ELLIS, A.W. **Leitura, escrita e dislexia**: uma análise cognitiva. Tradução de Dayse Batista. 2.ed. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.
- LOPES, Áurea. Será que seu aluno é disléxico? **Nova Escola**, São Paulo, n.188, p.60-62, dez. 2005.
- LUCKESI, C.C. O papel da didática na formação do educador. In: CANDAU, V. M. **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1995. Cap.2, p.27.
- MARTINS, Vicente. **Lingüística aplicada às dificuldades de aprendizagem relacionada a dislexia, disgrafia e disortografia**. 2006. Disponível na Internet: <<http://sites.uol.com.br/vicentemartins>> Acesso em 28 de abril de 2006.
- MYKLEBUST, H. R. A dislexia e as crianças. **Revista de Psicologia Gen.**, v.18, p.5-29, nov./1966-67.
- ORTON, S.T. “Cegueira de palavra” em educar crianças. **Arquivo de documento público de neurologia e psiquiatria**, n.14, p.581-615, 1920.
- POPPOVIC, Ana Maria. Dislexia. In: _____. **Alfabetização – disfunções psiconeurológicas**. São Paulo: Vetor, 1968. cap.1, p.51-55.
- SOARES, M. B. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de pesquisa**, n.52, p.19-24, 1985.
- TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. Tradução de Beatriz Cardoso. 8.ed. Campinas : Vozes, 1970.
- ZORZI, J. L. A escola ignora quem não consegue aprender. **Nova Escola**, São Paulo, n.194, p. 24-26, ago. 2006.